

Il est hyver, danse ; faineante.
Appren des bestes, mon ami.
BAYE.

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) 48\$000
OITOMEZES (até ao fim deste anno) 32\$000
SEMESTRE (26 numeros) 25\$000
NUMERO AVULSO 1\$000
SUPPLEMENTO \$500
NUMEROS ATRAZADOS 1\$500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS 1\$000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Escritorio, Rua Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira 18 de Julho de 1895

N. 11

FORMIGAS

MAYRINK





AS pessoas amáveis (e quantas senhoras entre ellas!) ás pessoas amáveis que teem pedido noticias da minha saúde, — receiosas de que o Club da Morte haja liquidado este chronista — devo agradecer com o coração nas mãos. Não! ainda não morri. Ainda aqui estou, abraçado á minha amada *Cigarra!*

Pobre, fraca, sobresaltada *Cigarra!* quantos sustos, quantas amarguras lhe temos nós todos causado, eu, o Julião, o Manoel, o L. F. e o Puck!

Ainda hontem, estavamos nós, melancolicamente postos derredor da nossa mesa de trabalho, — quando ella, a espantadiça *Cigarra*, chegou ruflando as suas azas transparentes, recortadas de reticulas de prata e ouro, e, pousando sobre o nosso grande tinteiro de crystal, ficou a olhar-nos tristemente, com os seus pequeninos olhos amorosos.

E, logo, o Julião, mirando-a, teve um gemido:

— Coitadinha! é do frío... Também como pôde esta pobresinha andar cantando, por um rude inverno como este?

O Manoel deu-lhe a beijar a ponta do dedo:

— Que tens tu, filha?

E ella, de azas colhidas ao longo do corpo, olhava-nos, e callava-se. Então, tive uma inspiração:

— Já sei, minha timida! E' a nossa politica que te assusta, não? Calla-te! não me digas que sim nem que não! vejo pelos teus olhos que adivinhei. Calla-te! vou te provar que...

Mas, A *Cigarra* não me obedeceu e fallou:

— Pois é a politica! é a politica! Que mal fiz eu a vocês, para que me tirassem das altas galhadas verdes, meu berço e meu tumulo, onde eu nascia e morria cantando, nascida do verão e morta com elle? Deram-me vida nova, obrigaram-me a ficar cantando em pleno inverno, salvaram-me da morte... mas arremessaram-me á politica. Porque? porque me deram vocês a immortalidade, se tinham de prostituir a minha voz, obrigando-a a cantar sobre um pantano? Cruéis! a vida de um dia, no cimo ondeante de uma floresta, desfeita e en perfumes como um incensario, vale mais que a vida de um seculo dentro de um atoleiro! »

Ai! vida minha! quem me dera a ingenuidade das cigarras! Esses pobres bichinhos imaginam ainda que possa alguém, bicho ou homem, viver hoje em dia sem pensar nas desgraças que correm! Como se um viajante, perdido por noite negra de tormenta, sob um céu desmanchado em cachoeiras e trovões, vendo em torno de si os troncos seculares das arvores estalarem aos embates formidaveis dos raios, — pudesse fechar olhos, ouvidos e pensamento a esses furores, para rimar um soneto doce!...

— Que remedio descobririamos hoje, bastante forte, que nos premunisse a alma contra a infecção da politica? E como não ha de a gente perturbar-se com o que vê e com o que ouve, se não ha mais garantia nenhuma, nem para o Sonho, nem para a Vida?

E's politico? não vás á rua do Ouvidor que te quebram a cabeça! — não és politico? não vás á rua do Ouvidor que te quebram a cabeça! que és tu? podes ser o que quizeres: não vás á rua do Ouvidor, que te quebram a cabeça!

Quem ha que, nesta loucura geral, conserve a intelligencia lucida, a alma alegre e escoimada de paixões?

Pois, quando uma floresta arde, que remedio tem o pequenino arbusto, que viça dentro d'ella, senão arder tambem, senão tambem crepitar, estalar, estorcer-se e morrer?

Além d'isso, como poderia qualquer um nós, para fugir da politica, aninhar-se no Sonho? O Sonho repelle as almas velhas. A nossa geração já passou a sua idade de ouro, e só difficilmente descobre agora nos labios um sorriso para saudar a natureza, e uma estrophe no coração para cantar as mulheres.

Lembras-te tu, Coelho Netto, — alma de fogo, que, para illuminar as tristezas da vida, te abrias em clarões de imagens e de estylo — dos bons tempos em que não trocarias por todas as riquezas da terra o teu ca-aco surrado e os teus periodos de ouro? Lembras-te tu, Aluizio Azevedo, dos tempos em que atravessavas a vida, de olhos e ouvidos cerrados ao barulho e ao spectaculo do mundo, porque a tua alma, carregada de sonhos, vivia fechada comsigo mesma, concentrada no

grande trabalho da gestação da tua obra? Lembras-te tu, Luiz Murat,— poeta do amor e da tristeza! — dos tempos em que, com os pés na terra e a cabeça nas nuvens, só tinhas olhos para a contemplação do teu ideal que fugia? Lembras-te tu, Guimarães Passos,— bohemio fugido de uma pagina de Mürger — dos tempos em que, com a bocca transbordando de rimas puríssimas e os sapatos cheios de remendos, passavas pela rua do Ouvidor, embrulhado na tua pobreza como n'um manto de rei? Lembras-te tu, doce Parda! Mallet, (se é que lá onde estás ainda te consentem á alma a memoria dos dias felizes do nosso amor de irmãos), lembras-te tu dos tempos em que, como um paladino antigo, Don Quichote amantissimo, sahias a campo, em defesa de todos os humildes, tendo a dourar-te a cabelleira desgrenhada a mesma luz do céu que te inundava o coração? — Onde a nossa fé, onde a nossa alegria d'esses tempos?...

Então, sim! Podiam os thronos desabar, podiam massacrar-se os partidos, que nós, quando nos dignavamos olhar para a terra, só a julgavamos merecedora de uma pilheria.

Com uma phrase, julgamos um seculo.

Com um calembour, resavamos o *De profundis* a um ministerio.

Com um trocadilho irreverente piparoteavamos uma religião.

E eramos os senhores do mundo!

Mas, para os que ainda vivem, os trinta annos chegaram, com as suas responsabilidades, com as suas ambições, com os seus egoismos, com os seus desenganos. E, aí de nós! n'esta terra feracissima, sob este sol tropical, n'esta patria em que as meninas de dez annos já teem filhos, ter trinta annos é ser velho!

Como ha de um velho merecer o agasalho do Sonho?

Que queres tu, *Cigarra*? perdoa-nos a irreverencia com que atolámos na vasa fetida da politica as tuas leves azas de tarlatana fulgida! Exposta ao publico, ficas escrava d'elle. E o publico não ama os insectos que voam: ama os que rastejam. O publico quer politica. Quer que discurses: pouco importa que discurses bem ou mal: o essencial é que discursos, com uns grandes ares de pae da patria apaixonado, atrabiliario, espalhatoso.

Ihe fôres dar paginas artisticas, em que a penna de Julião, embebida no pollen das flores e nas tintas do crepusculo, se entregue a todos os caprichos da sua fantasia ardente,—o publico mandará que vás fazer arte para a Zululandia ou para o diabo que te carregue,— a ti e a todos nós. Sacrifica-te ou morre!

Mas não! não morras! não morras! Mesmo do fundo do atascal das luctas de partido, a tua voz cantará a primavera e a aurora, as soalheiras do verão, a nostalgia do cahir da tarde, a melancolia das mattas humidas e perfumadas... Ficarás pura, filha minha, dentro da tua prostituição; e, como a flor que Rolla esmagava na sua ultima noite, poderás dizer, quando resurgires para a Virgindade:

« J'ai jetté loin de moi, quand je me suis parée,
Les elements impurs qui souillaient ma fraîcheur! »

Não morras, *Cigarra*! que eu tambem, apezar do *Club da Morte*, ainda estou vivo. Creio mesmo que ainda estão vivos todos os vinte e sete martyres inscriptos no livro negro do Club.

Ah! é que decididamente matar é uma cousa difficil! E' pelo menos muito mais difficil que morrer...

Fantasio.



Tanta cousa, tanto assumpto a desafiar-te a penna e a reclamar-te a critica, pobre chronista politico! — Modera-te, resume-te, poupa espaço e palavras, e, antes de tudo, falla da pacificação.

Está feita? Far-se-á? — No dia em que for publicado este numero d'*A Cigarra*, já se de e saber alguma cousa a esse respeito. Por agora, o que sei é que já ha alguns dias não ha lançcos federalistas nem descargas castilhistas nas cochilas do Rio Grande do Sul,— porque o general Galvão (homem que d'aqui a pouco será com certeza apontado como sebastianista inimigo da Republica) e o velho general Tavares teem celebrado conferencias pacificadoras.

E' natural que queiram saber a minha opinião: nada mais justo. Sou partidario da paz? sou partidario da guerra? acredito que a boa vontade do general Galvão consiga alguma cousa? Vamos por partes.

×

Sou partidario da paz, 1º porque não sou fornecedor do exercito; 2º porque não sou soldado e, portanto, não estou ganhando soldo dobrado; 3º porque o sr. Castilhos e outros partidarios da guerra não tomaram 10.000 assignaturas d'*A Cigarra*; 4º porque sou um homem naturalmente e instinctivamente pacifico. Já vêem que, quando se trata de justificar uma opinião, não sou de meias medidas: forneço logo um alqueire de razões. Mas, se todas essas razões não bastassem, haveria ainda uma de grande peso: já tenho sido preso muitas vezes por causa da guerra do Rio Grande, e quero vêr se, reinando a paz em Varsovia, quero dizer em Pelotas, posso livremente gozar do céu azul e das mulheres bonitas que Deus me deu.

×

Quanto a acreditar ou não que a paz vá nascer da conferencia dos dois generaes, — a cousa fia mais fino. Tenho medo de adiantar proposições arriscadas. Quem viver, verá. O que posso dizer, com a mão na consciencia, é que ha um meio simples e radical de acabar com esta e outras revoluções do Rio Grande: é acabar com o Rio Grande. Ah! se a nobre terra dos pampas nos fizesse o especial favor de desaparecer!... Que allivio para todos nós!...

×

Vamos a outro assumpto.

A esta hora, o meu amigo e chefe Lopes Trovão deve estar convencido da profunda verdade do proverbio arabe que diz: se a palavra é de prata, o silencio é de ouro.

Nos ominosos tempos da monarchia, quando Pedro Segundo, o Despota, comia patriotas cosinhados em canja, o meu amado chefe José Lopes fallava pelos cotovellos: e para fallar não escolhia logar: — fallava do alto dos chafarizes, do telhado das casas, do cume do Pão de Assucar, do pinnaculo dos frades de pedra. A toda a hora do dia, ou da noite, a gente ouvia de longe um brado feroz, vindo não se sabia de onde: — *sabeis porque, cidadãos?* — era o meu chefe que conflagrava as massas... Oh! que homem para fallar!

×

Que lucrou elle com isso? Nada! nada! absolutamente nada! Logo: se a palavra é de prata, essa prata não tem cotação.

Veio a Republica. O meu chefe ficou tres minutos calado: elegeram-n'o logo deputado ao Congresso Constituinte. E aqui foi que elle commetteu, ou antes: ia commettendo o maior erro da sua vida. Habitudo a fallar na monarchia, pensou que tambem podia fallar na Republica, e fez tres discursos, aliás brilhantissimos, que correm mundo, reunidos n'um bello folheto, com este titulo alarmante: *Lopes Trovão na Constituinte*. Foi um desastre. E sabeis porque, cidadãos?

JONGLERIES DA SEMANA



UM COLOSSO



Tantas paginas por 200 réis — é realmente barato, mas para o levar para casa tenho de pagar 3\$000 de carroto. Diabo! Preciso reflectir n'isto.

Porque, desconfiados, os poderes publicos começaram a suspeitar das intenções do meu chefe: os poderes publicos não gostam de quem falla—gostam de quem calla e consente. O meu chefe, felizmente, comprehendeu a tempo que tinha commettido um erro, e recolheu-se a um silencio fecundo. Nunca mais, na Constituinte, se descerraram os seus labios; e um justo premio a tão nobre e patriótica mudez veio logo: o meu chefe foi reeleito deputado, e agora vai ser eleito senador. D'onde: se a palavra é de plaquet, o silencio é de ouro.

Ah! o sr. barão de Ladario pensa que por ser *alarido* o anagramma do seu nome, ha de subverter as instituições republicanas, fallando todos os dias? Está muito enganado! Vamos mandar para o senado o nosso chefe: e veremos quem é capaz de resistir a tão formidável mudez!...

X

Outro assumpto: bandeiras que ficam a meio páu, bandeiras que ficam no tópe, bandeiras que, não ficando nem no tópe nem a meio páu, ficam na gaveta. E' assumpto que não serve, por ser velho e por ser perigoso.

X

Outro assumpto: a polvora. Oh! a polvora! O sr. José Carlos de Carvalho tosou o sr. ministro da marinha a valer, por causa de 200 ou de 700 toneladas de polvora. S. ex. quiz por força saber para que comprou o ministro da marinha essas toneladas do terrível explosivo. Que eu saiba, ninguem deu a s. ex. resposta satisfactoria. E era tão facil!... Para que servio a polvora? Oh! sr. deputado! para os festejos de S. João...

X

Outro assumpto. Se me não falla a memoria, já tive aqui occasião de tratar do sr. Andrade Figueira, quando correu o boato de que esse pilar das instituições derrocadas, ia fundar um jornal monarchista. Agora, devo registrar, não o apparecimento d'esse jornal, mas a candidatura do mesmo respeitavel pilar á senatoria.

Cousa singular! dois candidatos, um genuinamente republicado: o meu chefe Lopes Trovão; outro genuinamente monarchista: o sr. Andrade Figueira. E ambos callados!

Então o sr. Andrade Figueira, esse, de 15 de novembro de 89 para cá, nem de leve abriu o bico. Agora mesmo, não é por elle que sabemos da sua candidatura: é por echos do jornalismo. «S. ex. resolveu acceuer a pedidos instantes de amigos seus, e apresentar-se á candidato.» Nada mais laconico e nada mais familiar. *A pedido de amigos*—como isso é commovente! Mas que amigos? os amigos ursos?

Parece que a politica é soirée intima, em que, ao fim da noite, o poeta X., a pedido de varios amigos, resolve declamar ao piaro, para divertimento das familias presentes, o seu ultimo recitativo.

Ai! lobosinho! lobosinho! bem te conheço a ti, apesar dos pés de lã com que vens!...

X

Ha muitos assumptos ainda, mas eu tenho mais que fazer. Até logo!

L. F.

A FOLHA DE FIGUEIRA

Bosques afortunados que tão lindos corpos vistes, em plena nudez, como talvez iguaes não visse d'antes o Dodona, atravessado pelos tropeis olympicos das deusas. Aguas felizes que recebestes encantadoras virgens,— uma ainda em botão, impubere, figura onde a graça da mulher mal se esboçava nas linhas da creança, outra em viçosa maturidade, no maravilhoso desenvolvimento dos dezoito annos... aguas e bosques, permitti que eu desvende o segredo, que me sussurrou maliciosamente uma lavandisca trefega.

As roupas ficaram dependuradas dos ramos, como as nevoas que as manhãs, despindo-se, deixam nos cimos altos das montanhas, e ellas tiritando, os braços encruzados, aconchegando o seio, foram pisando a herba humida e fria até alcançarem a agua limpida que os bosques assombream.

E transidas, friorentas, arrepiadas, entraram, mergulhando logo como duas nymphas fluviaes.

As aguas sentiam-se affagadas pelos dois corpos e, como se os quizessem guardar, ao menos em imagem, copiavam-nos na diaphana corrente.

O' velhos azevieiros, que andastes a espiar Suzana, se chegasseis á beira dessas aguas, que seria dos vossos corações senis? D'ahi... talvez nelles revivesse a chamma extincta, á vista dessas formosuras mais do céu que da terra, — que só a elyseos é dada a perfeição completa.

Cabellos louros e cabellos negros, luz e escuridão; e a tréva, emtanto, era mais bella, sobre as espadas alvas, do que essa opulencia da cabelleira ardente, fulva como a chamma de um incendio. Isaura e Dulce.

Dulce, mais moça e ingenua, olhava curiosamente a companheira e comparava o seu corpo, ainda imperfeito, ao corpo esbelto e creador da outra...

Mas Dulce porque encarava tanto o corpo tenro, olhando, depois, o corpo nú de Isaura? O' candida innocencia!

— Isaura, ouve...

E que segredo falla a pequenina dona dos cabellos de ouro? Deve ser gracioso o que ella diz, porque Isaura sorri, baixando os olhos.

— Oh! Dulce, pois tu, que tanto leste os livros santos, já te não lembras do que os livros contam? que foi que fez nossa mãe Eva, quando, depois da desobediência, ouviu a voz do Eterno nas alturas? Escondeu-se, pudica; e que mais...?

— E cobriu-se com folhas de figueira.

— Pois ahí tens... o que tu vês é uma folha de figueira.

Dulce, abriu muito os olhos, espantada:

— E tu já peccaste, Isaura?

— Não, mas a Natureza agora é previdente... Desde que a gente chega á idade da gulodice, apparece a folha de figueira, com que nos havemos de cobrir aos olhos do...

Senhor.

E desata a rir ao ver o espanto da pequena Dulce.

— Mas, vamos, que estou regelada...

E tremulas sahiram d'agua, gottejantes.

Caliban.

Theatros.

Parabens, homens avarentos! Não quizestes cobrir a assinatura da companhia Freitas Brito, mas, ainda assim, ides ter opera lyrica este anno. E opera lyrica com gargantas de ouro, entre as quaes a do Gabrieleesco, vosso conhecido antigo, tão habituado já aos vossos applausos...



Por fallar em gargantas... Já que é preciso dizer alguma cousa de novo n'esta secção theatral, vou fallar-vos de um prodigio, que ainda esta semana estreiará no *Lyrico*. Esse prodigio chama-se Leopoldo Frégoli.

Imaginae uma companhia lyrica dramatica (estreiará no dia 20), com o seguinte elenco: Prima Dona, Leopoldo Frégoli; contralto, Leopoldo Frégoli; cômprimaria, Leopoldo Frégoli; tenor-dramatico, Leopoldo Frégoli; tenor-comico, Leopoldo Frégoli; barytono, Leopoldo Frégoli; baixo, Leopoldo Frégoli; director de scena, Leopoldo Frégoli.

Espantae-vos? Tendes razão!

Mas o vosso espanto cessará, desde que saibaes que este Leopoldo Frégoli, cantor phenomenal, tem todas as vozes, mas todas (entendeis bem?) todas! todas! todas! — e faz todos os papeis, e interpreta todos os personagens, e tem um repertorio... que nunca mais se acaba!

Emfim, ide ouvil-o, e acreditareis.

Buch.



VERSOS do Bom Tempo

Quando não vens, formosa desumana,
 E, saudosos de ti, sem ti me deito,
 Fica tão espaçoso o nosso leito,
 Que me parece o campo de Sant'Anna!

Quando não vens, o' palida tiranna,
 Torna-se lugubre o quartinho estreito...
 Com muitas flores, flor, debalde oufeito:
 Faltá-me a flor das flores soberana...

Se vens, e' natural que isso me apraza;
 Mas, se não vens, tanta amargura, tanta
 As proprias coisas sentem n'esta casa!...

E' o relógio, porém, que mais me espanta,
 Pois, se não vens, o misero se atraza,
 E, se vens, o ditoso se adianta!

18...?

Arthur Aguiar

PIETÀ!..

A oitava pagina do nosso ultimo numero valeu-nos uma infinidade de cartas anonymas. Em todas ellas somos ameaçados, dizem-nos que nos quebrarão a cara, que nos partirão o braço direito, que nos comerão o figado... E' horrivel isso, senhores anonymos! Que a morte venha! tirem-nos d'este estado de duvida, porque não temos a menor quéda para Hamlet! — A duvida é milhões de vezes peor que a morte... pela ablação do figado!



Ah! as noites mal dormidas!



O receio de encontrar a morte no fundo de um refresco...



Em cada mulher que nos sorri vemos uma Dallila (modestia áparte)



Os japonezes não nos divertem...



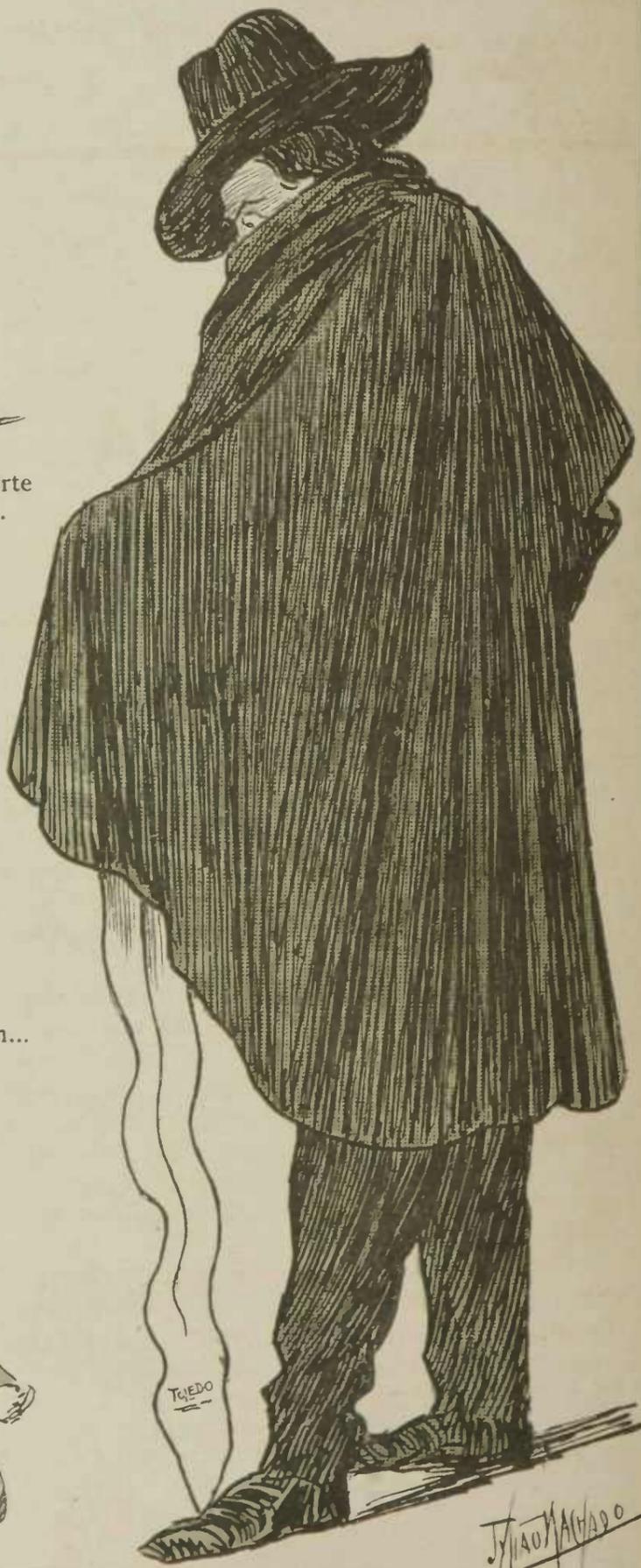
O Tim-tim massa-nos...



A vida é uma tortura! uma tortura!...



Reduzam-nos a iscas e deixem-nos em paz, senhores anonymos!



TEJEDO

J. MAUVALADO